

LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)



LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

LUTAS NA ESCOLA REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

Diagramação e revisão final: Grupo de Estudos Sociais em Educação Física,
Esporte e Lazer – GESOE – UFRGS – CNPq.

Imagem da capa:

sithara – <https://pixabay.com/pt/photos/retrato-boxe-crian%C3%A7a-boxer-5620461/>

A presente obra encontra-se sob os direitos da Creative Commons 4.0
Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações – CC BY-NC-ND



M3331 Mariante Neto, Flávio Py (org.)
Vasques, Daniel Giordani (org.)

Lutas na escola: reflexões e possibilidades metodológicas / Flávio Py
Mariante Neto; Daniel Giordani Vasques (orgs.). – Porto Alegre, RS:
GESOE, 2024.
144 p.

ISBN 978-65-00-90788-9

1. Lutas. 2. Escola. 3. Educação Física.
I. Mariante Neto, Flávio Py. II. Vasques, Daniel Giordani. III. Título.

UFRGS

CDD: 796
CDU: 134.3 (81) 000.891

Capítulo 1

Lutas e Educação Física escolar: tendências e regionalidades na produção acadêmica¹

Flávio Py Mariante Neto
Nicole Marcelli Nunes Cardoso
Daniel Giordani Vasques

Introdução

No contexto brasileiro, diversos documentos normativos e acadêmicos na área da educação têm destacado as lutas, artes marciais ou modalidades esportivas de combate² como componentes da Educação Física, a serem abordados de maneira pedagógica no ambiente escolar. Trabalhos como "Metodologia do Ensino da Educação Física" [Soares et al. 1992], os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) [Brasil 1997], as propostas apresentadas por Rufino [2012, 2014] e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [Brasil 2017] exemplificam compilações que buscam reconhecer a relevância do enfoque pedagógico nas lutas dentro da escola. Além disso, tais obras, numa perspectiva de intervenção, abordam desafios no campo e propõem abordagens pedagógicas possíveis para o tema. Essas produções representam, em parte, o resultado do reconhecimento da importância das lutas na sociedade brasileira; simultaneamente, elas

¹ Uma versão aproximada desse capítulo foi publicada como artigo científico na revista *Ensino em Re-Vista* (UFU). Este texto está no prelo.

² Apesar de serem usados aqui como sinônimos, dado que o objeto de estudo é o seu trato no espaço escolar, tais conceitos pressupõem sentidos específicos na cultura brasileira. Lutas são disputas com vistas a subjugar o oponente usando técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de determinado espaço [Brasil 1997]; artes marciais não têm somente o intuito de guerrear, mas também possuem aspectos filosóficos, de autoconhecimento e de autocontrole [Moreno e Ferreira 2017]; esportes de combate pressupõem, por sua vez, a ideia de competição e de regras pré-estabelecidas de forma a padronizar as formas de disputa e controlar a violência.

se configuram como referências que viabilizam e legitimam a inclusão das lutas como conteúdo educacional. Entretanto, apesar desses esforços, parece persistir a dificuldade na implementação efetiva e regular das lutas no âmbito escolar.

Uma das razões apontadas para isso trata dos argumentos que associam o ensino de lutas com o aumento da agressividade e da violência entre os estudantes. Estudos, ao contrário, apontam que tal associação é um estigma [Almeida et al. 2021], uma distorção do ensino das lutas [Ueno e Sousa 2014], e que as práticas pedagógicas na escola devem distanciar as lutas da ideia de violência [Moura et al. 2019]. Não há dúvida que o elemento central do ensino das lutas é atingir, derrubar ou imobilizar o adversário, no entanto, isso só pode ser feito dentro de regras, relativamente rígidas, que preveem precisamente o controle da violência. Outro argumento empregado para sustentar a dificuldade de implementação das lutas na escola trata da dificuldade dos professores em atuar com esse conteúdo. Certos estudos mostram desconfortos docentes em trabalhar com lutas, sobretudo porque não tiveram componentes curriculares na sua formação inicial [Hegele et al. 2018], e ressaltam a importância da formação continuada para o trato desse conteúdo [Borges et al. 2021]. Alguns estudos destacam também a falta de infraestrutura nas escolas [Rufino e Darido 2015] e propõem que o formato das disciplinas de graduação deve ser alterado para privilegiar abordagens estruturadas em similaridades e nos princípios das lutas [Matos et al. 2015], e não em abordagens que privilegiem o ensino de uma ou outra modalidade de luta.

Cabe destacar, no entanto, que nas últimas três décadas houve uma série de transformações nas práticas corporais de lutas, na Educação Física escolar, nos movimentos educacionais e na sociedade brasileira que, apesar de tensionadas, apontam para certa direção civilizadora e decolonial [Sousa et al. 2021], no sentido de direcionar os olhares para as regionalidades - o Brasil é um país de tamanho continental e com traços regionais peculiares - e para as culturas afro-brasileiras e indígenas - afinal, o País é formado por maioria negra e por parcela indígena, povos que foram violentamente massacrados ao

longo da história e que tiveram suas culturas, em grande parte, apagadas ou ignoradas. Um marco desses movimentos se deu em 2003, quando foi implementada a Lei 10.639 [Brasil 2003], que afirmava que todas as escolas deveriam ensinar conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras. O ensino da Capoeira, luta afro-brasileira, ocupou essa função na Educação Física escolar, porém isso se deu de forma limitada, dado que essa é apenas uma das lutas brasileiras e que em algumas realidades escolares nem mesmo a Capoeira era trabalhada. Mais recentemente, professores e pesquisadores brasileiros têm se dedicado a atuar com o ensino de outras modalidades de lutas brasileiras na escola, como a Luta Corporal Indígena [Paiva et al. 2021], a Luta Marajoara [Santos et al. 2020] e o Huka-Huka [Lima e Moura 2022], entre outras. Além disso, o documento normativo mais recente da educação brasileira, a BNCC [Brasil 2017], sugere o trato pedagógico equivalente entre “lutas do Brasil” e “lutas do mundo”, organização que, apesar de críticas [Neira 2018], joga luz para práticas corporais que vinham sendo negligenciadas e desconhecidas pelos currículos escolares.

Em paralelo às preocupações com os apagamentos e desequilíbrios no trato pedagógico das lutas na escola, fazem-se necessárias análises sobre as desigualdades na produção científica sobre o tema, já que tais elementos parecem se atravessar. O estudo de Espírito-Santo et al. [2023] reflete uma realidade relativamente conhecida no País, que mostra que a maioria dos pesquisadores no país são homens brancos (65,8%), enquanto mulheres negras são minoria (0,52%), apesar de 56% da população brasileira se declarar negra [IBGE 2023]. Além disso, as desigualdades na produção científica costumam também se reproduzir quando são analisadas a partir das regiões do País onde atuam os pesquisadores, como demonstrado no estudo de Onofre et al. [2019], que, ao observar a instituição de pertencimento dos primeiros autores de publicações científicas, verificou que a ampla maioria estava vinculado a Instituições de Ensino Superior das regiões Sul e Sudeste, consideradas mais desenvolvidas economicamente em comparação às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nessa perspectiva, cabe destacar que tais

regiões setentrionais do País são compostas por populações de maioria negra e indígena, ao contrário das regiões meridionais, de ascendência majoritária branca e européia, portanto as características regionais se atravessam na reprodução as desigualdades raciais na produção científica, bem como ajudam a ocultar as manifestações de luta de origem afro-brasileira e indígena.

Alguns estudos de revisão se dedicaram a olhar para a produção científica sobre o ensino de lutas na escola. Costa et al. [2017] buscaram analisar, a partir de seis artigos (publicados de 2006 a 2015), os desafios para o ensino das lutas e apontaram a necessidade de mais propostas de ensino, além de destacarem certo distanciamento entre o que se pesquisa e o que se faz nas escolas. Ferreira et al. [2023] analisaram 38 artigos brasileiros sobre lutas na Educação Física escolar publicados de 2010 a 2020. Os resultados apontaram quatro categorias: 1) espaço e aspectos socioculturais, 2) tecnologias/mídias, 3) currículo e 4) prática pedagógica; as quais destacaram a insegurança docente como um elemento que dificulta a inserção desse conteúdo, e reforçaram a importância da criação de materiais e metodologias para auxiliar o professor. Na literatura estrangeira, chama a atenção a existência de poucas pesquisas sobre o ensino de lutas na escola. O estudo de revisão realizado por Pereira et al. [2022] mostrou que a maioria dos artigos selecionados (n=6) havia sido publicada (entre 1999 e 2015) em periódicos brasileiros, pelo que consideraram que os pesquisadores brasileiros estão mais preocupados com a introdução das lutas na escola, possivelmente, ainda segundo eles, pela inclusão das lutas nos documentos educacionais brasileiros, como os PCNs [Brasil 1997] e a BNCC [Brasil 2017].

Nenhum desses estudos, no entanto, analisou as desigualdades na produção científica. Ademais, todos eles abrangem textos publicados durante as últimas duas ou três décadas, e não têm como foco, portanto, apresentar as tendências contemporâneas da produção científica sobre lutas na escola. Por outro lado, a recente publicação do dossiê “Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate na Educação Física escolar” pela revista científica *Cadernos do Aplicação* representa um estado do conhecimento contemporâneo sobre as lutas

na Educação Física escolar brasileira, dado que todos os artigos foram publicados no primeiro semestre de 2023. Sendo assim, perguntamos: Quais as características e possíveis tendências da produção científica brasileira? O objetivo deste estudo é, portanto, analisar as características e refletir sobre possíveis tendências da produção científica sobre lutas na Educação Física escolar brasileira.

Metodologia

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo de revisão da literatura, que busca analisar a distribuição da produção científica sobre um determinado objeto e estabelecer relações contextuais. Especificamente, se caracteriza como uma revisão do tipo ‘estado da questão’, que trata de situar como se encontra o tema no estado atual da ciência, o que requer consulta a documentos substanciais afeitos à construção do objeto de investigação. Portanto, a finalidade é delimitar, clarificar e caracterizar o objeto de estudo por meio de levantamento bibliográfico seletivo, restrito aos estudos e parâmetros próximos às especificidades do interesse do pesquisador [Nóbrega-Therrien e Therrien, 2004; Vosgerau e Romanowski, 2014].

Os artigos foram selecionados a partir da publicação de um dossiê em uma revista científica. Os dossiês são espaços acadêmicos produzidos pelas revistas em parcerias com pesquisadores/organizadores reconhecidos pelo campo, que buscam estimular os pesquisadores de uma determinada área de conhecimento a produzirem e submeterem estudos para avaliação pela revista. A chamada para o dossiê “Lutas, artes marciais e esportes de combate na Educação Física escolar” foi publicada em setembro de 2022 e recebeu textos até 30 de março de 2023, tendo ampla divulgação no universo acadêmico da Educação Física brasileira: site da revista, notificação a autores cadastrados no sistema de periódicos da Universidade, grupos de pesquisadores em WhatsApp e Facebook, postagens no Instagram, bem como pelo envio de e-mails às redes de contatos dos organizadores do dossiê. Tratou-se de um dossiê “aberto”, no sentido de que qualquer pesquisador poderia submeter o seu texto. Todos os

textos submetidos passaram por um processo de avaliação duplo-cego, conforme as normas da revista.

O periódico *Cadernos do Aplicação* é uma revista científica brasileira publicada e organizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que está entre as mais bem avaliadas universidades do Brasil. Essa revista se caracteriza por se preocupar com os fazeres pedagógicos da escola. O foco e escopo indicam que a revista “se destina à divulgação de [...] pesquisas relacionadas à construção do conhecimento em diferentes áreas e problemáticas da Educação Básica” [*Cadernos do Aplicação* 2023], etapa que, no sistema educacional brasileiro, corresponde aos nove anos do Ensino Fundamental e aos três anos do Ensino Médio. Dessa forma, a revista busca entender o que os professores e pesquisadores vêm fazendo e o que vêm pesquisando em torno da escola. Nessa perspectiva, a política editorial da revista valoriza a publicação de relatos de experiência de professores-pesquisadores que atuam nas escolas, bem como análises e reflexões sobre os fazeres pedagógicos da escola produzidas por pesquisadores do campo.

O corpus de análise é composto pelos 18 textos que integram o dossiê, os quais foram publicados em fluxo contínuo de abril a julho de 2023. Assim, trata-se de um corpo de textos que tem como aproximação entre eles terem sido produzidos e publicados em uma mesma época, no caso, entre o fim de 2022 e o início de 2023. Sendo assim, cabe considerar que todos foram produzidos em determinado período histórico e conjuntura social. A configuração social brasileira de tal período é marcada pela instabilidades e disputas políticas e, nos universos científico e educacional, pelas lutas pelo reconhecimento de valores humanos e democráticos, e pelo repúdio ao uso da violência e pelo negacionismo como políticas de Estado. Em maior escala, as características contemporâneas desse conjunto de textos possibilitam olhar para transformações e tendências da produção científica sobre o tema na realidade escolar brasileira, a partir dos elementos que têm sido objeto de inquietação de professores e pesquisadores do campo.

Em termos éticos, cabe destacar que todos os documentos analisados são de acesso público no site da revista. Para obter

informações de gênero e raça, foi enviado e-mail aos pesquisadores. Para os dados de regionalidade (estado e região do País), foi considerada a instituição de vínculo do primeiro autor. Foram observados o título, autor, tipo de estudo, instrumentos, objetivo, modalidade de luta, e principais resultados e conclusões. A análise descritiva dos resultados está apresentada, a seguir, em forma de tabelas e texto.

Resultados

A tabela 1 apresenta as características detalhadas destes estudos, no qual constam título, tipo de estudo, objetivo, quais práticas corporais são citadas e os principais resultados. Logo, é importante ressaltar que não foram inseridos na tabela o ano de publicação e nem os periódicos por serem estudos escritos especialmente para o dossiê publicado neste mesmo ano de 2023.

Tabela 1. Características dos artigos.

Autor	Objetivo	Práticas corporais
Furtado [2023]	Apresentar algumas reflexões provenientes de tensões teórico-práticas entre certos conceitos estabelecidos no campo acadêmico.	Luta marajoara, Huka-huka, Artes Marciais Mistas (MMA)
Almeida e Rodrigues [2023]	Caracterizar o conhecimento e as crenças relacionadas ao ensino de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate, entre professores do Ensino Médio da rede pública do Distrito Federal	Lutas, Artes Marciais, Esportes de Combate
Fonseca et al. [2023]	Relatar a experiência com esgrima e boxe, vivenciada no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva, a partir dos registros dos/as estudantes extensionistas nos diários de campo.	Esgrima, Boxe

Santos et al. [2023]	Apresentar perspectivas didático-pedagógicas relacionadas à Luta Marajoara e contribuir para sua sistematização nas aulas de Educação Física.	Luta Marajoara
Neves et al. [2023]	Compreender o ponto de vista de crianças do 4o ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral na cidade de Porto Franco - MA, acerca das lutas.	Lutas na escola - jogos de oposição
Velloso et al. [2023]	Apresentar uma experiência político-pedagógica sobre os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos do mundo das lutas nas aulas de Educação Física Escolar.	Lutas no geral
Gomes et al. [2023]	Possibilitar reflexões e discussões acerca do ensino das lutas na escola, oferecendo subsídios teórico-práticos, que foram construídos a partir de uma experiência real e concreta, materializada nas aulas de EF.	Lutas no geral
Vidal [2023]	Investigar qual a metodologia de ensino das lutas esportivas utilizadas pelos professores de educação física do ensino fundamental	Lutas esportivas; Artes Marciais
Gonçalves e Abrahão [2023]	Problematizar um dos recursos potencialmente importantes para a aprendizagem da capoeira: a literatura de cordel, bem como sugerir prática docente à luz desse gênero.	Capoeira; Literatura de Cordel
Pereira et al. [2023]	Averiguar o ensino de disciplinas de lutas por professores universitários considerando a base de conhecimentos	Lutas no geral
Cardoso e Furtado [2023]	Compreender as nuances históricas e contemporâneas que envolvem o conceito de esportivização, bem como suas implicações para a Educação Física escolar.	MMA

Urbinati et al. [2023]	Analisar o desenvolvimento de uma proposta de trabalho com o muay thai	Muay thai
Lima et al. [2023]	Relatar a experiência de um professor de educação física em uma turma do 3º ano do ensino médio com o tema da Luta Marajoara.	Luta Marajoara
Farias [2023]	Apresentar um relato de experiência pedagógica tematizando as lutas em um projeto curricular de uma escola pública municipal situada em uma região periférica de São Luís do Maranhão	Artes marciais, Tarracá - valetudo, Luta corpo-a-corpo
Andrade et al. [2023]	Mapear a produção acadêmica sobre o jiu-jitsu difundida nos principais periódicos científicos.	Jiu-jitsu. Arte marcial.
Silva et al. [2023]	Apresentar um relato de experiência do processo de elaboração, implementação e avaliação do projeto de extensão “Jiu-Jitsu UESC versus Covid 19”	Jiu-jitsu.
Lobo et al. [2023]	Discutir o conteúdo “lutas de matrizes indígenas e africanas” com crianças do 4o ano do ensino fundamental, no estágio em Educação Física, da FEFD (Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.), dentro da constituição curricular da área, em uma pesquisa participativa.	Lutas de matrizes indígenas e africanas; capoeira e a luta marajoara
Mocarzel et al. [2023]	Trazer luz para 4 blocos dos conteúdos de lutas segundo a BNCC e assim, propiciar reflexões, discussões e sugestões aos docentes de EFE.	Lutas. Artes marciais. Esportes de combate.

Fonte: Autoria.

Dos 18 artigos analisados, seis são de natureza qualitativa e se consideram estudos descritivos [Farias 2023; Lima et al. 2023; Pereira et al. 2023; Gomes et al. 2023; Almeida e Rodrigues 2023; Mocarzel et al. 2023]; quatro são estudos de relatos de experiência [Silva et al. 2023; Velloso et al. 2023; Santos et al. 2023; Furtado 2023]; dois estudos se caracterizam como pesquisa-ação [Urbinati et al. 2023; Fonseca et al. 2023]; dois possuem caráter interventivo e participativo

[Lobo et al. 2023; Neves et al. 2023]; enquanto os outros quatro artigos apresentam diferentes tipos de estudos: uma pesquisa bibliométrica [Andrade et al. 2023], um ensaio teórico [Cardoso e Furtado 2023], uma pesquisa quantitativa [Vidal 2023] e uma pesquisa documental [Gonçalves e Abrahão 2023].

Os principais instrumentos utilizados para coleta de dados foram diários de campos, empregados em seis estudos [Fonseca et al. 2023; Neves et al. 2023; Urbinati et al. 2023; Lima et al. 2023; Farias 2023; Lobo et al. 2023]. Três estudos utilizaram narrativas [Furtado 2023; Velloso et al. 2023], sendo um deles uma revisão narrativa [Mocarzel et al. 2023]. Outros três estudos utilizaram como instrumento de coleta questionários, sendo que um deles empregou um questionário físico durante as entrevistas [Vidal 2023], um estudo utilizou mais de um instrumento sendo o questionário um deles [Urbinati et al. 2023], e o outro usou somente questionário [Almeida e Rodrigues 2023]. Os demais se utilizaram de instrumentos variados, entre eles instrumentos alternativos [Santos et al. 2023], planilha digital [Gomes et al. 2023], visita aos cordéis [Gonçalves e Abrahão 2023], fontes bibliográficas [Cardoso e Furtado 2023], principais periódicos [Andrade et al. 2023 instrumento de avaliação pedagógica [Silva et al. 2023 e um caso de ensino [Pereira et al. 2023].

O objetivo principal mais citado pelos achados direcionaram propostas destinadas aos professores, variando na escolha do verbo que se inicia e relacionando o conteúdo das lutas como uma possibilidade de ensino para os professores, totalizando seis estudos, em que se preocupavam com: “caracterizar o conhecimento”, “apresentar perspectivas didático-pedagógicas”, “possibilitar reflexões”, “investigar qual a metodologia”, “problematizar recursos” e “averiguar o ensino” [Almeida e Rodrigues 2023; Santos et al. 2023; Gomes et al. 2023; Vidal 2023; Gonçalves e Abrahão 2023; Pereira et al. 2023]. Outros cinco autores tinham como objetivo “apresentar” ou “relatar uma experiência” [Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Lima et al. 2023; Farias 2023; Silva et al. 2023]. Dois estudos têm como objetivos “compreender e discutir os conteúdos de lutas com os alunos” [Neves et al. 2023; Lobo et al. 2023). E os demais estudos

tinham como objetivo as lutas de fato, seja: “compreender as nuances”, “analisar o desenvolvimento”, “mapear a produção acadêmica”, “trazer luz para os conteúdos” e “apresentar reflexões” [Cardoso e Furtado 2023; Urbinati et al. 2023; Andrade et al. 2023; Mocarzel et al. 2023; Furtado 2023]

As práticas corporais mais utilizadas nos estudos foram as artes marciais, com total de sete autores que citam essa luta [Furtado 2023; Almeida e Rodrigue, 2023; Vida, 2023; Cardoso e Furtado 2023; Farias 2023; Andrade et al. 2023; Mocarzel et al. 2023]. Em seguida, os achados apresentam as “lutas de modo geral” como a segunda prática mais utilizada, que se trata de quando os autores não se referem a uma modalidade de luta em específico, e sim no conteúdo de forma ampla [Almeida e Rodrigues 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Pereira et al. 2023; Mocarzel et al. 2023]. Ainda, alguns estudos citam algumas variações dessas lutas: Lutas na escola [Neves et al. 2023], Lutas esportivas [Vidal 2023], Lutas de matrizes indígenas e africanas [Lobo et al. 2023] e Luta corpo-a-corpo [Farias 2023]. A luta marajoara foi referida quatro vezes [Furtado 2023; Santos et al. 2023; Lima et al. 2023; Lobo et al. 2023]. Logo depois, foram citadas duas vezes o jiu-jitsu [Andrade et al. 2023; Silva et al. 2023], os esportes de combate [Mocarzel et al. 2023; Almeida e Rodrigues 2023] e a capoeira [Lobo et al. 2023; Gonçalves e Abrahão 2023]. As demais práticas corporais foram citadas apenas uma vez: esgrima e boxe no mesmo estudo [Fonseca et al. 2023], muay thai [Urbinati et al. 2023], Tarracá e vale-tudo no mesmo estudo [Farias 2023] e huka-huka [Furtado 2023].

Os resultados vão de encontro com os objetivos, então para os estudos que se preocuparam com apresentar propostas para os professores foram encontrados os seguintes resultados: que o conhecimento dos professores é incipiente para com o conteúdo de lutas e apresentam falhas na formação inicial [Almeida e Rodrigues 2023]; que o ensino das lutas resultou positivamente na formação dos estudantes, apresentando como os professores podem trabalhar [Santos et al. 2023]. Em concordância, outros estudos apresentaram sugestões e metodologias, de forma prática ou encontradas na

literatura, que os docentes podem utilizar as lutas nas aulas de Educação Física [Gomes et al. 2023; Vidal 2023; Gonçalves e Abrahão 2023]. Um dos estudos preocupou-se com os futuros professores que estão por vir, com isso analisou o ensino das lutas na formação inicial dos professores [Pereira et al. 2023].

Outros estudos que tiveram relatos de experiência como objetivo, variaram bastante seus resultados obtidos, entre eles as estratégias inclusivas de diversificação dos conteúdos foram potentes para ampliar a participação dos alunos [Fonseca et al. 2023]; conscientização dos alunos e reflexão sobre a possibilidade de efetivação da Educação Física escolar para contribuição na educação politécnica [Velloso et al. 2023]; que as lutas podem ser tematizadas e problematizadas de forma crítica e dialogada [Lima et al. 2023]; que foi possível abordar conteúdos teóricos e práticos em um ambiente virtual [Silva et al. 2023]; e uma forte associação, por parte dos alunos, das lutas com a violência e conhecimentos vindo das mídias [Farias 2023]. Seguindo nessa lógica de resultados acerca das percepções dos alunos, dois estudos encontraram resultados semelhantes sobre a compreensão dos alunos sobre lutas estar associada a condutas violentas [Neves et al. 2023; Lobo et al. 2023], ainda que aprendessem no cotidiano dentro e fora da escola.

O restante dos estudos obteve resultados um pouco mais diversificados, entre eles, dois estudos encontraram resultados sobre a esportivização do MMA, através de uma nova noção do conceito, diferente do clássico e até afirmam que este conceito clássico é insuficiente para explicar o fenômeno do MMA [Cardoso e Furtado 2023; Furtado 2023]. Um dos estudos se refere a resultados voltados especificamente para a prática do muay thai, de encontrarem grandes possibilidades de se trabalhar com a modalidade e ainda fizeram uma dissociação da prática com a violência [Urbinati et al. 2023]. Outro estudo foi mais específico sobre os períodos que vêm publicando sobre lutas e ainda sobre o período em que ocorreram mais publicações, que foi no ano de 2010, e que esses estudos foram voltados para a prática do Jiu-jitsu com estudos mais qualitativos [Andrade et al. 2023]. Por fim, um dos estudos encontrou resultados sobre as aprendizagens dos

alunos ao praticarem lutas na escola, que esses adquiriram habilidades e competências desde a prática corporal como defesa-pessoal, autoconhecimento e prevenção-promoção da saúde ou o autocuidado com as lutas [Mocarzel et al. 2023].

Uma análise resumida dos autores dos artigos encontrados é apresentada na Tabela 2. Os estudos foram caracterizados quanto à instituição pertencentes no momento em que escreveram a pesquisa, estado e região dos primeiros autores.

Tabela 2. Características dos autores.

n	Instituição do primeiro autor	Estado e região do país
1	Escola de Aplicação da UFPA	Pará - NORTE
2,3	Secretaria de Educação do DF	Brasília - CENTRO OESTE
4,5,6	Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro - SUDESTE
7,8,9	Secretaria Municipal de Educação de Soure-Marajó	Pará - NORTE
10,11,12,13	Secretaria Municipal de Educação de Porto Franco – MA	Maranhão - NORDESTE
14,15,16,17	Instituto Federal de São Paulo	São Paulo - SUDESTE
18,19,20	Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas	São Paulo - SUDESTE
21	Ugv Centro Universitário	Paraná - SUL
22,23	Colégio Estadual Kleber Pacheco de Oliveira, de Lauro de Freitas (BA)	Bahia - NORDESTE
24,25,26,27,28	Faculdade de Americana (FAM)	São Paulo - SUDESTE
29	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Pará - NORTE
30,31,32	Universidade Católica do Paraná	Paraná - SUL
33,34,35	Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE)	Ceará - NORDESTE

	Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)	Tocantins - NORTE
36,37,38,39	Prefeitura Municipal de Salvador.	Bahia - NORDESTE
40,41,42,43	Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, BA	Bahia - NORDESTE
44,45,46,47,48,49	Universidade Federal de Goiás	Goiás - CENTRO
50,51,52	UFRJ	Rio de Janeiro - SUDESTE

Fonte: Aatoria.

Em relação aos autores e autoras dos estudos foi possível localizar um total de 52 indivíduos. No que se refere às instituições pertencentes dos primeiros autores dos achados, a maioria disse ser pertencentes a instituições de ensino básico, como escolas públicas, enquanto os demais se vincularam a instituições de ensino superior, de universidades privadas e públicas. Oito primeiros autores se vincularam a escolas de educação básica, em que três são de escolas estaduais/distritais [Gonçalves e Abrahão 2023; Lima et al. 2023; Almeida e Rodrigues 2023], três são de escolas municipais [Santos et al. 2023; Neves et al. 2023; Andrade et al. 2023] e os outros dois são de escolas federais [Furtado 2023; Velloso et al. 2023]. Os primeiros autores dos outros dez estudos identificam-se como pertencentes a instituições de ensino superior, sendo cinco deles a universidades federais [Fonseca et al. 2023; Cardoso e Furtado 2023; Farias 2023; Lobo et al. 2023; Mocarzel et al. 2023], dois de universidades estaduais [Gomes et al. 2023; Silva et al. 2023] e três a instituições particulares [Vidal 2023; Pereira et al. 2023; Urbinati et al. 2023].

Sobre a localização dos primeiros autores dos textos, observou-se uma diversificação de regiões do Brasil. Dos 18 estudos, cinco deles têm origem no Nordeste do País: três são da Bahia [Gonçalves e Abrahão 2023; Andrade et al. 2023; Silva et al. 2023], um do Ceará [Lima et al. 2023] e um do Maranhão [Neves et al. 2023]. Outros cinco autores têm origem no Sudeste: três são de São Paulo [Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Pereira et al. 2023] e dois do

Rio de Janeiro [Fonseca et al. 2023; Mocarzel et al. 2023]. Quatro autores são da região Norte: sendo três do Pará [Cardoso e Furtado 2023; Furtado 2023; Santos et al. 2023], e um de Tocantins [Farias 2023]. Ainda, dois textos são do Centro-Oeste: um de Goiás [Lobo et al. 2023] e outro do Distrito Federal [Almeida e Rodrigues 2023]. E por fim, os outros dois são da região Sul, do Paraná [Vidal 2023; Urbinati et al. 2023].

Outras duas questões referentes aos autores analisados foram o gênero e a raça. Para isso, foi enviado para todos os autores dos textos um questionário perguntando com qual gênero se identificavam e com qual raça se autodeclaravam. Obtivemos um total de 25 respostas apenas, dos 52 autores.

Sobre o gênero, dos 25 que retornaram, oito se identificam como gênero feminino, enquanto 17 se consideram do gênero masculino. No entanto, devido ao baixo retorno dos autores, fizemos um trabalho, ainda que impreciso, de deduzir o gênero a partir do primeiro nome, buscando essa informação nos currículos públicos dos pesquisadores no sistema brasileiro de pesquisa Plataforma Lattes. Com isso, foi possível concluir que dos 52 autores, apenas 14 são do gênero feminino.

Com relação aos artigos, somente sete estudos, dos 18, possuem alguma autora mulher [Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Urbinati et al. 2023; Pereira et al. 2023; Silva et al. 2013; Lobo et al. 2023]. Além disso, apenas quatro deles possuem como primeira autora uma mulher [Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Urbinati et al. 2023]. Em tempo, cabe destacar que apenas dois textos foram escritos exclusivamente por autoras mulheres [Fonseca et al. 2023; Gomes et al. 2023], enquanto 16 possuem algum homem como autor. Sobre a questão de raça, das 25 pessoas que responderam, 18 se autodeclararam brancas, três pardas, duas pretas e duas amarelas.

Discussão

O presente trabalho elencou algumas discussões sobre a inserção de lutas na escola. Basicamente, podemos inferir que o desenvolvimento dessas atividades em ambiente formal de ensino é circundado por aspectos relacionados à falta de uma formação específica em relação ao professor de educação física [Rufino e Darido, 2015]. Segundo essa percepção, há uma limitação de formação do profissional em relação a esse conteúdo específico. As universidades ainda possuem dificuldades em pensar o currículo a partir de uma prática que seja condizente com as especificidades do labor pedagógico.

Além disso, há outra problemática apresentadas na construção teórica da área e que diz respeito à falta de estrutura de algumas escolas, que não apresentariam condições básicas do ensino das lutas. Ademais, a realidade educacional brasileira passa longe de ser considerada ideal para os critérios internacionais de ensino e os problemas extrapolam as condições estruturais, passando pelos baixos salários, pela sobrecarga de trabalho e pela desvalorização docente.

Apesar disso, os trabalhos escritos para o dossiê apresentam linhas de pensamento que conseguem diminuir os efeitos deletérios que essas dinâmicas sociais podem provocar no processo educacional.

O fato de os trabalhos trazerem os problemas de condução docente em torno das lutas já é um avanço dentro da teoria, na medida em que há uma preocupação em uníssono em torno da temática. O fato de haver autores de todo o país com a preocupação de engendramento das lutas com os conteúdos da educação física é fato positivo e profícuo, pois mostra um país com docentes preocupados com o ensino das lutas, nas suas diferentes formas.

Outro fato que se deve levar em consideração é a predominância masculina entre os autores dos estudos. As lutas são um ambiente predominantemente masculino [Thomazzini et al. 2008] e isso parece materializar-se em relação aos estudos apresentados no dossiê. A dificuldade das mulheres em entrar em um ambiente tradicionalmente masculino parece romper as paredes de academias e

centros de treinamento e ser reproduzida, também, no ambiente acadêmico.

Metodologicamente, um problema antigo e relatado por alguns autores [Rufino et al. 2014] é tematizado: a abordagem do ensino das lutas a partir de modalidades específicas. As especificidades das modalidades são, muitas vezes, um fator pedagógico limitante. Seria pouco provável um professor de educação física ter conhecimento prático de todas as modalidades em que atue, por isso, uma proposta pedagógica mais relativista e que tenha como base elementos gerais das lutas parece ser uma melhor opção dentro do espectro de ensino.

Os trabalhos apresentados vão ao encontro das afirmações do parágrafo anterior. Apesar de haver muitos trabalhos calcados em modalidades como o jiu-jitsu ou o MMA, o trabalho com “lutas em geral” ou “jogos de oposição” é uma aposta metodológica relevante. Se há uma dificuldade de inserção das lutas na escola, relacionada à falta de formação e à relação entre lutas e violência, o trabalho com os ‘jogos de luta’ pode ser um elemento que aponte para um novo caminho de atuação.

Ainda, há outro ponto que precisa ser discutido: as questões regionais são normalmente pouco trabalhadas na prática na escola. O que Souza et al. [2021] chamam de ‘colonialismo’ é uma reprodução de práticas advindas de outras regiões do mundo e que, de alguma forma, perfazem o rol de modalidades trabalhadas normalmente em ambiente escolar.

Assim, os trabalhos do dossiê vão no sentido de oferecer novas possibilidades de modalidades pouco difundidas nesse contexto. Trabalhos sobre o Tarracá, a luta Marajoara e as lutas de matrizes indígena e africana são indícios de uma nova proposta em relação ao ensino das lutas, mostrando que as regionalidades são fundamentais e os processos metodológicos devem passar pelas especificidades de contexto. Trazer esses elementos para os trabalhos acadêmicos ajuda a pensar o ensino a partir de uma diversidade cultural que pouco tem sido pensada.

Assim, o dossiê abre possibilidades de pensamento e amplia o sentido pedagógico. O Brasil é um país de dimensões continentais e a heterogeneidade de manifestações enriqueceu de forma substancial o entendimento que temos, hoje, sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

Conclusão

Esse estudo teve como objetivo refletir sobre o ensino de lutas na escola a partir de trabalhos escritos para um dossiê sobre a temática. Durante o exposto tivemos a possibilidade de acompanhar as discussões oriundas de diversas regiões do país e que tiveram como base práticas pedagógicas de intervenção

Ressaltamos a importância desse tipo de proposta que visa o aprofundamento e uma espécie de ‘compreensão do campo temático’ que potencializa e direciona os olhares, as reflexões e as propostas. Essa questão – propositiva – foi elemento fulcral dentro das discussões, e o enriquecimento proporcionado pelos dados culminou com uma série de elementos que irão ser debatidos e pensados no porvir.

A variação da metodologia também chama atenção nos trabalhos: pesquisa-ação, estudos de caso, pesquisas documentais, trabalhos quantitativos mostram a diversidade das intervenções e demonstram que as lutas podem ser analisadas por diferentes olhares teórico-metodológicos.

Ademais, as questões apresentadas nas discussões deste estudo também requerem um olhar mais profundo. O ambiente das lutas ainda parece ser substancialmente masculino e os dados são condizentes nesse sentido. Além disso, o ensino por modalidades, principalmente as modalidades mais tradicionais devem ser relativizadas, na medida em que os novos olhares pedagógicos pressupõem o incremento de propostas que abranjam olhares mais inclusivos.

Esses olhares devem relacionar as novas propostas com as regionalidades. Deste modo, as metodologias devem ater-se não

apenas a forma de ensino, mas também ao conteúdo ensinado. Aprender sobre as questões específicas da cultura brasileira fará com que os discentes tenham um desenvolvimento simbólico e motor mais potencializado.

Por fim, é importante que façamos uma reflexão sobre a importância da elaboração de dossiês temáticos. A potência acadêmica e reflexiva proporcionada pela união de obras relativas a uma temática específica é um catalizador de processos analíticos capazes de compreender refletir e ampliar pensamentos. Sendo assim, estimulamos que mais trabalhos como esse, sobre lutas ou sobre outros temas pertinentes a áreas diversas, sejam elaborados. Além disso, encorajamos autores e professores a debater sobre seus fazeres pedagógicos e a dividir com a comunidade científica suas relações com o campo de trabalho.

Referências

Almeida, L.M., Costa R.B.F., Venâncio L., Sanches Neto L. (2021), Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de Educação Física, “Cenas Educacionais”, v. 4, e12163.

Borges L.N., Fernandes M.P.R., Cisne M.D.N., Ferreira H.S. (2021), Formação de professores para o ensino de lutas na educação física escolar: o estado da questão. “Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação”, v. 16, n. esp.3, pp. 1547-1561.

Brasil, (1997) Secretaria de Educação Fundamental, “Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física”, Brasília, Df: Mec/Sef.

Brasil, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

Brasil, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

Cadernos do Aplicação, 2023. Sobre a revista.

Costa A.V., Lage V., Safons M., Costa F.R. 2019, Desafios para o ensino das lutas na escola: um panorama a partir da base de dados do portal de periódicos da capes, “Cadernos de Formação RBCE”, pp. 44-56.

Espírito-Santo G., Palma A., Vasconcelos R.V., Assis M.R., Loterio C.P., (2023), Desigualdades interseccionais nos programas de pós-graduação stricto sensu em educação física. “Educação E Pesquisa”, v. 49, e252722.

Ferreira C.S., Cardoso N.M.N., Cardoso T.N., Mariante Neto F.P., Vasques D.G., (2023), the teaching of fights in school physical education: a state of knowledge of brazilian studies, “J Phys Educ [Internet]”. v. 34, e3417.

Hegele B., González F.J., Borges R.M., (2018), Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. “Caderno de Educação Física e Esporte”, v. 16, pp. 99-107.

IBGE, 2023,

<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html>

Lima, G.A., Moura D.L., (2022) Reflexões sobre o desenvolvimento da huka-huka nas aulas de educação física: uma revisão integrativa. “Revista Prática Docente”, v. 7, n. 1, pp. e019.

Matos J.A.B., Hiramã L.K., Galatti L.R., Montagner P.C., (2015), A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões, “Conexões”, v. 13, n. 2, pp. 117-135

Moreno D.B., Ferreira H.S., (2017), Lutas na Educação Física escolar: possibilidade de acordo com as dimensões conceituais,

procedimentais e atitudinais. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas (org.), “Conhecimentos do professor de educação física escolar”, E-book.

Moura D.L., Silva Junior I.A.L.S., Araujo, J.G.E., Sousa C.B., Parente M.L.C., (2019), O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. “Pensar a Prática”, v. 22.

Neira M.G., (2018), Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física, “Revista Brasileira De Ciências Do Esporte”, v. 40(3), pp. 215–223.

Nóbrega-Therrien S., Therrien J., (2004) O estado da questão: sua compreensão na construção de trabalhos científicos: reflexões teórico-metodológicas. “Estudos em Avaliação Educacional”, v. 15, n. 30, pp. 5-16.

Onofre T., Colângelo J.V.M., Lino W., (2019) Balanço bibliométrico da produção científica em políticas públicas de lazer - brasil 2012/2017, “Revista Brasileira de Ciência e Movimento” v. 27 n. 1

Paiva L., Vargas F.M.F., Justamand M., Mousse C., Paiva L., (2021), Luta corporal indígena: contribuições à base nacional comum curricular (BNCC), " Revista de Estudos Amazônicos – UFAM", n. 2, v. 2.

Pereira M.P.V.C., Foll A.M.F.J., Trusz R., Farias G.O., (2022), Scientific production on martial arts and combat sports content in school physical education: a review study. “Ido Movement for Culture: Journal of Martial Arts Anthropology”, v. 22, n. 3, pp. 33-43.

Rufino L.G.B., (2012), Pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades, “Paco Editorial”.

Rufino L.G.B., In: González F.J., Darido S.C., Oliveira A.B. (org.), (2014), Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: Práticas corporais e a organização do conhecimento, “Eduem”, v. 4.

Rufino L.G.B., Darido S.C., (2015), O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas, “Revista da Educação Física / UEM”, v. 26, n. 4, pp. 505-518.

Santos C.A.F., Gomes I.C.R., Freitas, R.G., (2020), Luta marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará, "Motrivivencia", v. 32, n. 61, pp. p. 01-24.

Soares C.L., Taffarel C., Varjal E., Castellani Filho L., Escobar M.O., Bracht V., (1992), Metodologia do ensino da Educação Física, “Cortez”.

Sousa C.A., Costa T.B., Ehrenberg M.C., (2021), Educação Física decolonial: análise, desafios e perspectivas em Paulo Freire e Frantz Fanon, “Educação”, v. 46(1), e. 112 pp. 1–27.

Thomazini S., Moraes C., Almeida F., (2008), Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts (MMA). “Pensar a Prática”, v. 11, n. 3.

Ueno V.L.F., Sousa M.F., (2014), Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual de Goiânia. “Pensar a Prática”, v. 17, n. 4.

Vosgerau D.S.R., Romanowski J.P., (2014), Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas, “Revista Diálogo Educacional”, v. 14, pp. 165–189.